

* Editorial

Comunicação e Saúde – temas, questões e perspectivas latinoamericanas – Suplemento

DOI: 10.3395/reciis.v6i4.Sup1.751pt

Em dezembro de 2012 foi lançado o primeiro volume do número temático da Reciiis sobre Comunicação e Saúde, que resultou da idéia de publicar os trabalhos apresentados ao Grupo de Trabalho Comunicación y Salud, no XI Congresso da ALAIC Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. O evento teve lugar em Montevideú, de 9 a 11 de maio de 2012, com o tema “La investigación en Comunicación em América Latina: Interdisciplina, pensamiento crítico y compromiso social”. Dos 81 trabalhos inscritos, 56 foram aceitos e ,entre estes, 37 foram selecionados para a publicação, sendo classificados como artigos originais, ensaios, pesquisas em andamento e análises de produtos e práticas.

Embora com predominância de pesquisadores brasileiros (cenário habitual nos congressos latinoamericanos), o conjunto dos trabalhos possibilita uma aproximação a interesses de pesquisa e temáticas de relevância em países da América Latina (Argentina, México, Chile, Uruguai, Cuba). Entre os brasileiros, observa-se uma forte presença dos pesquisadores da região sudeste, não obstante tenhamos também trabalhos das regiões nordeste, sul e centro-oeste. Outra concentração pode ser notada em relação a artigos de pesquisadores e alunos vinculados à Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, o que pode ser compreendido se considerarmos que esta instituição abriga o único programa de pós-graduação na América Latina que contempla especificamente a temática deste número. Trata-se do PPGICS – Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/Fiocruz).

Contrariamente à prática da Reciiis, que publica artigos em Português e Inglês, optamos por deixar cada artigo em sua língua original, espanhol ou português, considerando que são as línguas oficiais do Congresso ALAIC.

Assim como no primeiro volume, apresentamos aqui os trabalhos que compõem este segundo volume. A seção **Artigos Originais** traz dez trabalhos resultantes de pesquisas, sendo que cinco deles tratam da produção midiática de sentidos da saúde.

“Entre ciência e representações: a esquizofrenia e seus personagens nas páginas da Folha de S.Paulo” é o título do artigo de Carla Garcia, no qual ela aporta resultados de uma pesquisa enfocando um tema relevante e nunca estudado antes, por esse prisma: a esquizofrenia e seus personagens. Como ela mesma afirma, “um tema localizado na intersecção entre saúde e sociedade e uma cobertura midiática marcada pelo encontro entre jornalismo e ciência”. A autora estudou narrativas noticiosas de um dos mais importantes jornais brasileiros sobre a doença mental que carrega o maior estigma e atinge a quase 2 milhões de brasileiros.

Valdir Oliveira, em **“Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas”**, considerando que o espaço discursivo da mídia jornalística é uma arena de disputas simbólicas permeadas por determinadas condições de produção e de enunciação, buscou relacionar os sentidos que emergiram das estratégias narrativas da Folha de S.Paulo e das revistas Veja e Carta Capital com suas razões editoriais e socioculturais.

Em **“Análise crítica do discurso da mídia impressa sobre a saúde e o ambiente no contexto da instalação da refinaria de petróleo em Suape-PE”**, Mariana Santos e seus co-autores abordam o modo como a imprensa pernambucana teceu os sentidos sobre a implantação da refinaria de petróleo no Complexo Portuário de Suape, em Pernambuco. Com a perspectiva da saúde e do ambiente no processo de desenvolvimento sustentável, o grupo debruçou-se sobre o noticiário de três anos no Jornal do Commercio. Destacam, entre outros achados, o privilegiamento dos interesses dos empresários, em detrimento das questões referentes à desapropriação de comunidades, novas configurações e conflitos socioambientais, impactos na cultura, na saúde, no ambiente e na vida das pessoas.

Márcia Rocha contribui para o entendimento dessas questões, pesquisando sobre **“Saúde, doença, ciência e tecnologia: as concepções de profissionais do jornal baiano A Tarde”**. O que os jornalistas pensam sobre os temas sobre os quais escrevem? Certamente suas idéias estão entre as variáveis que compõem a escrita final da notícia. Entre outros resultados, a autora identifica a prevalência da concepção de saúde como ausência de doenças, uma imagem otimista da ciência e tecnologia, que “exclui os conflitos e incertezas inerentes aos processos da ciência, sem estímulo ao debate público sobre o uso da ciência e da tecnologia e seu impacto na vida do cidadão”.

A importância do papel da imprensa no debate público ganha realce pelo viés histórico no artigo **“Um Jornal no Dissenso: O Correio da Manhã e a campanha contra a vacinação obrigatória”**, de Weddenclay Alves. O autor traz para suas considerações analíticas os textos do Correio da Manhã, jornal de oposição na época dos governos Pereira Passos e Rodrigues Alves. A Revolta da Vacina, famoso episódio da história política e sanitária do país, é analisada sob o prisma do confronto de discursos sobre os modos de enfrentamento das epidemias.

Ainda no âmbito midiático, mas abordando a televisão, temos o artigo **“Apropriação e compartilhamento – estudo de redes de sentido da saúde a partir do programa Globo Repórter”**, em que Nadja Santos e Inesita Araujo (orientadora) apresentam resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou estudar grupos representativos da audiência do Globo Repórter, caracterizando tanto seu universo simbólico dos temas da saúde como suas redes de compartilhamento das informações recebidas no Programa e ressignificadas a partir de seus contextos particulares. O estudo também permitiu comparar os sentidos atribuídos à Promoção da Saúde pelo programa televisivo, comparando-os com os das instituições públicas de saúde.

Os outros quatro artigos da seção abordam temas distintos entre si, mas que buscam contribuir para uma melhor contribuição do campo da Comunicação e Saúde, seja cenarizando alguns ângulos específicos, seja aprofundando determinada problemática. Eliana Marcolino e Katia Lerner contribuem com um mapeamento daquela que hoje é uma prática que ganha cada vez mais adeptos, espaço e legitimidade na sociedade brasileira: os observatórios. Em **“Estudo Sobre as Configurações dos Observatórios de Mídia e Observatórios de Saúde no Brasil”** as autoras procuram analisar as iniciativas de observatórios identificadas à luz dos

conceitos de controle social e cidadania, além de caracterizar suas formas previstas de intervenção social.

O artigo "**Políticas Públicas Binacionales: Caso Marketing Social de Salud en Migración México y Estados Unidos Americanos**", de Janet García, nos deixa inteirados de uma problemática que em geral passa despercebida, em meio a tantos aspectos da saúde que nos clamam por atenção: políticas de atenção à saúde a populações transnacionais que passaram por procesos de migração. A autora afirma que "el crecimiento inexorable de la población transnacional ha ocurrido en ausencia de un marco regulatorio o de una política compartida que asegure beneficios mutuos y el bienestar de migrantes y de sus familias".

Marina Silva e Valdir Oliveira (orientador) nos trazem o resultado de uma pesquisa que foi desenvolvida no âmbito de um mestrado, cujo tema remete a uma realidade tão premente quanto descuidada na nossa sociedade: as mediações e movimentações das pessoas com deficiência nos espaços públicos, na reivindicação pelo direito humano à saúde. Em "**Direitos sociais e inclusão: mediações e movimentações de pessoas com deficiência em conferências de saúde**", tomando o caso das conferências de saúde, os autores nos permitem compreender o modo como ocorrem esses processos e concluir, junto com eles, pela "persistente distância entre os direitos previstos na legislação e a efetivação de políticas públicas inclusivas".

Cristina Dias, Larissa Ribeiro e Adriana Kelly, partindo do pressuposto que "refletir sobre o processo comunicativo é algo indissociável da promoção à saúde e produção de cuidado", trazem os resultados da pesquisa "**Cartão da Mulher': processos comunicativos na construção de um material de saúde impresso**", que investigou práticas comunicativas entre profissionais de saúde e usuárias da Estratégia de Saúde da Família em Viçosa (MG). O foco central do artigo é a elaboração de um material impresso intitulado "Cartão da Mulher", que objetiva fomentar práticas dialógicas e humanizadas entre mulheres, profissionais das Unidades de Atenção Primária à Saúde (UAPS) e acadêmicos.

Por fim, em "**La comunicación em salud: un campo em construcción en Mexico y America Latina. Recuento y reseña de productos finales recientes elaborados**", Adriana González e David Bañuelos nos comunicam os resultados de um levantamento quantitativo e qualitativo de estudos e trabalhos sobre comunicação e saúde nos últimos 5 anos. Os autores constataam a escassa difusão dos estudos acadêmicos, em contraposição à dos trabalhos promocionais de produtos comerciais, o que os leva a afirmar que a interseção "comunicação e saúde" é um campo em construção. Acrescentaríamos que essa escassez de informação dificulta inclusive os levantamentos como este, que terminam por deixar de fora uma ampla produção que já permitiria, uma vez reunida, evidenciar o quanto há questões comuns entre todos os países, além da pluralidade e afinidades de linhas teóricas e metodológicas.

Na seção **Ensaio**, dois textos nos convidam à reflexão. Com "**Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada - Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa**", Inesita Araujo, Adriano de Lavor e Raquel Aguiar discutem a relação entre comunicação e negligenciamento, convidando-nos a pensar sobre a ausência da comunicação entre os indicadores de desigualdade na saúde e propondo o termo "comunicação negligenciada". O

trabalho nos remete para o tema da invisibilidade e do seu reverso, a visibilidade como problemas de saúde e de comunicação.

Cristina Torres estabelece a diferença entre cidadãos e “consumidores de saúde”, em seu artigo “**Desarrollo local y gobernanza: dimensiones para la ciudadanía en salud**”. Sua reflexão percorre caminhos que envolvem, entre outras temáticas, capital social, empoderamento, autocuidado e autogestão, dimensão territorial e desenvolvimento local, redes e ética do cuidado. Seus argumentos incluem o de que as demandas territoriais obrigam a conjugar aspectos econômicos, culturais e ambientais, o que tornaria inevitável articular políticas econômicas e políticas sociais.

Quatro trabalhos compõem a seção **Pesquisas em andamento**, sendo dois de doutorandos e dois de mestrados. Juliana Lofego e Roseni Pinheiro (orientadora) abordam em sua pesquisa de doutorado o tema das práticas de informação e comunicação nos serviços de saúde no Acre, acompanhando o percurso de mulheres em busca de tratamento. “**Comunicação e informação no controle do câncer de colo uterino no Brasil: uma análise sob perspectiva da integralidade em saúde**” desenvolve particularmente o aspecto das estratégias de comunicação e informação propostas pelo Programa Nacional de Controle do Câncer de Colo de Útero, tendo a integralidade em saúde como referência conceitual.

Também no âmbito de estudos de doutoramento, Márcia Lisboa e Katia Lerner (orientadora) discorrem sobre “**O perigo de ser adolescente: discursos e representações sobre cuidado e risco na promoção de saúde**”. Trabalhando com a interseção entre as categorias cuidado e risco, buscam refletir sobre a construção de discursos voltados à promoção de saúde dos adolescentes, segmento da população classificado como “grupo de risco” e alvo de receituários produzidos por especialistas, sob a justificativa da prevenção.

Em “**Determinantes Sociais da Saúde em pauta: uma análise da cobertura jornalística da Conferência Mundial sobre Determinantes Sociais da Saúde**”, Isabel Levy ocupa-se da produção e circulação de sentidos, na grande mídia, sobre o conjunto de fatores classificados como determinantes sociais da saúde. A autora trabalhou sobre 288 inserções sobre a Conferência (Rio de Janeiro, 2011) na mídia brasileira e estrangeira, concluindo pela existência de um monopólio (ou oligopólio) discursivo nos veículos, formado por cinco grandes instituições - OMS, Ministério da Saúde, Fiocruz, Anvisa e IBGE – potencializado pela ausência da participação de representantes de movimentos sociais, que ficaram restritos aos blogs.

As oficinas radiofônicas como prática terapêutica em saúde mental são o objeto de atenção de Danielle Fortuna e seu orientador Valdir Oliveira no texto “**Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil**”. O trabalho inscreve-se na perspectiva dos que lutam por uma sociedade sem manicômios e integra uma pesquisa de mestrado.

A última seção, **Análises de produtos e práticas comunicacionais**, traz duas experiências, uma radiofônica e outra através da internet. Beatriz Fonseca nos traz “**Comunicación, salud y ciudadanía: una experiencia radial**”, no qual apresenta uma iniciativa cubana em que o rádio “constituye un punto de partida para la intervención de especialistas de diferentes ramas de la salud”. A autora busca evidenciar a responsabilidade dos meios de comunicação no conjunto dos esforços por uma saúde de qualidade para a população.

Já Victoria Cuadrado (Uruguai) nos oferece a análise de um novo espaço de consulta sobre saúde, promovido pela Universidad Autónoma de Nuevo León, México. "**Expertos UNAL em Línea - Nuevo escenario para La consulta sobre temas de salud**" fala sobre um portal dirigido por profissionais disponíveis para orientação sobre saúde, buscando identificar os mecanismos que caracterizam a interação no novo cenário produzido na saúde pela internet, assim como o vínculo que se estabelece entre consultores e consulentes.

No número anterior, oferecemos um "bônus" aos nossos leitores, incluindo ao final uma entrevista com pesquisadores que vêm se dedicando ao tema da internet. Neste, trazemos a resenha de um documentário premiado - "Cinematógrafo Brasileiro em Dresden", que José Carlos Monteiro intitulou de "**Imagens de paradoxos**". Guiados por sua escrita original, vamos sendo apresentados ao mesmo tempo ao documentário, ao cenário da época e levados a considerar aspectos particulares da personalidade de Oswaldo Cruz.

Caro leitor, esperamos que a leitura destes trabalhos seja frutífera e prazerosa e que cada texto seja semente de novas idéias e novos textos, ampliando-se assim, cada vez mais a possibilidade do campo da Comunicação e Saúde consolidar-se e contribuir para a compreensão de que comunicação é saúde e que o direito à comunicação é inalienável do direito à saúde.

Inesita Soares de Araujo
Jesús Arroyave Cabrera

Editores Convidados